

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA – PEDAGOGIA

Gabrielly Estrázulas dos Santos

**Avaliação versus correção:
atribuindo um novo olhar às práticas avaliativas**

Porto Alegre
2. semestre
2015

Gabrielly Estrázulas dos Santos

**Avaliação versus correção:
atribuindo um novo olhar às práticas avaliativas**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Roseli Inês Hickmann

Porto Alegre

2. semestre

2015

Dedico esse trabalho para aqueles que me ensinaram a reviver a infância, e que são a minha inspiração para esse estudo ter nascido. Aos alunos do meu estágio, por me ensinarem o verdadeiro significado do afeto. Com carinho e marcas de saudade.

Ao concluir este trabalho agradeço

A minha orientadora e professora Roseli Inês Hickmann, pela sua dedicação e paciência. Por todas as orientações ricas em conhecimento e aprendizagens, mas principalmente ricas em carinho, em afeto e sensibilidade. Por me orientar e me cuidar com tanta dedicação, por me ouvir, por compreender minhas ideias, sempre estando disposta aos novos desafios que este trabalho nos proporcionou. Agradeço-lhe por todas as palavras, não somente ditas, mas também escritas, e por todo apoio que dedicaste a mim. Dizem que as escolhas são feitas pelo coração, e o meu coração lhe escolheu.

A Fernanda, professora titular da turma do meu estágio, por me inspirar a fazer este trabalho, pelo seu modo de avaliar e tratar seus alunos. Por ser uma professora na qual me inspiro e me espelho. Com ela aprendi a compartilhar não somente uma turma, mas diversos conhecimentos e emoções que um estágio pode nos proporcionar. Agradeço-lhe por “concluir” esse momento comigo, e espero que o futuro nos proporcione novamente novas aprendizagens.

Aqueles que são a “alma” desse trabalho, aos meus eternos alunos do 4º ano. O nascimento deste estudo surgiu devido à existência de cada um deles. Com eles me tornei professora, aprendi e descobri emoções e ensinamentos nos quais jamais havia imaginado. Obrigada por me escolherem como professora, eu também os escolhi.

Aos meus pais, Adair e Regina, por me apoiarem durante este semestre, por compreenderem minha ausência, meus choros, minhas angústias. Agradeço pela compreensão e pela disponibilidade que prestaram a mim durante a conclusão deste trabalho. Os gestos de amor que dedicaram a mim não cabem em nem um lugar, pois são infinitos. Obrigada por me amarem.

Ao meu irmão Pedro, sangue do meu sangue. Agradeço-lhe por respeitar meu espaço, e por compartilhar comigo momentos “bobos”, que me alegravam e me distraíam, durante esse período. Obrigada por dividir a vida comigo.

Ao meu amor, meu namorado Gustavo. Agradeço-lhe por surgir na minha vida exatamente no momento certo, nosso amor nasceu juntamente a esse trabalho. Agradeço-lhe por me escutar, me apoiar, me acolher da maneira mais sensível e amável possível. Obrigada por estar presente e fazer a diferença nos pequenos e grandes detalhes, tenha a certeza de que tudo que fez por mim estará guardado para sempre nas minhas melhores lembranças e no meu coração. Que seja eterno e não tenha fim.

A minha amiga (e não somente colega), a minha gêmea Luise Freitas. Palavras não caberão aqui, pois nossa amizade é imensa, e nessa imensidão cabe uma série de emoções, de alegrias, de choros, de risadas, de desabafos, de ligações, de madrugadas não dormidas, de dias difíceis, de dias chuvosos, de dias ensolarados e felizes. Com ela aprendi o significado da palavra cumplicidade. Obrigada por estar comigo não somente nesse momento, mas durante esses quatro anos, que serão pequenos para tudo que temos pela frente para viver. Obrigada por ser a minha melhor dupla.

A minha amiga Larissa, por dividir esse momento comigo, por dividir alegrias e tristezas, entre um pequeno intervalo de aula, uma conversa durante o almoço, ou uma mensagem no celular. Obrigada por ter o poder de me fazer rir com as coisas mais simples da vida, e por ter a vontade de fazer a nossa amizade crescer.

As minhas amigas e colegas Lúgia e Danieli, além de concluírem essa etapa da vida ao meu lado, estiveram presente de corpo e alma. Agradeço-lhes por cada palavra, cada gesto de amizade compartilhado durante esse trabalho, quero levá-las para sempre ao meu lado.

A todas as minhas colegas que realizaram a cadeira de reflexão comigo. Por todos os ensinamentos as risadas e até mesmo os choros que dividimos todas as quintas feiras.

Obrigada a todos/as !

Era uma vez uma menina que parecia ter uma janela aberta no alto de sua cabeça. Bem lá onde as ideias passeiam e caem do céu. Onde o vento sopra e faz fumaça. Onde o vento assobia... assobia... assobia ideias.

E a menina cabeça de vento desenhava seus pensamentos, com as ideias trazidas pelo vento.

Sempre aberta para novas ideias, que coloriam sua imaginação.

De repente um vento passou perto de uma nuvem negra e carregou uma ideia, que voou sobre sua cabeça, resolveu entrar e se tornou um pensamento.

Conta à lenda que essa ideia de outra cabeça, que vivia de ponta-cabeça.

E a menina cabeça de vento gostou tanto da tal ideia que invadiu sua cabeça que a prendeu e amarrou firme em sua mente.

Dizem que, desde então, já nem o vento ventava mais por lá. E nenhuma ideia mais pôde entrar na cabeça da menina ou sair dela [...]

A menina cabeça de vento ficou trancada em seu pensamento.

Sete anos se passaram.

A menina, cada vez mais triste, continuava fechada em seu pensamento.

Até que um dia um vento atrevido, desses que costumam ventar sem avisar, passou muito rápido por sua cabeça e desmanchou seus cabelos.

Então, uma porta se abriu em sua cabeça, por onde escapou o tal pensamento. E aquela ideia fixa que virou pensamento fugiu com o vento.

A menina cabeça de vento pôde, então, abrir-se para novas ideias e ter novos pensamentos [...]

(BRANCO, Sandra. 2010)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso, situado no campo da educação, buscou investigar de que forma os diferentes modos de realizar uma avaliação podem influenciar o processo de aprendizagem dos alunos, e se traduziu na seguinte indagação: Como os diferentes modos de avaliar podem influenciar o processo de aprendizagem dos alunos a partir dos olhares discentes e docentes? Esse estudo teve como objetivos centrais compreender os conceitos de avaliação formativa e avaliação mediadora, buscando compreender se elas influenciam no percurso dos aprendizados dos/as alunos/as. Procurou também explicitar as diferenças entre a avaliação de trabalhos e a correção de trabalhos, dessa forma esclarecendo quais as contribuições de ambos para os/as alunos/as. As indagações acerca desse estudo surgiram a partir das práticas avaliativas que implementei durante o meu estágio curricular com uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública de Porto Alegre. Essa pesquisa foi organizada a partir de uma pesquisa qualitativa tendo como foco um estudo de caso, pois buscou investigar uma situação singular com determinados sujeitos, de um contexto específico. Para a realização desse trabalho foram coletados dados a partir de dois questionários. Esses questionários foram endereçados a 19 crianças que cursam o 4º ano e a quatro professoras da escola já referida anteriormente. As análises acerca desse estudo possuem dois eixos, sendo eles: Quais os significados e os sentidos que os/as alunos/as atribuem ao conceito de aprender e descobrir se os/as alunos/as aprendem com as práticas avaliativas. Se sim de que forma? Para subsidiar e sustentar este estudo investigativo recorri a alguns referenciais teóricos, tais como: Jussara Hoffmann, Dale Armstrong, Olenir Maria Mendes, Lívia Suassuna, Denise Pellegrini, que tratam sobre indagações acerca de avaliação formativa e avaliação mediadora. Maria Bernadette Castro Rodrigues, Claudia de Oliveira, Luis Carlos Freitas, e Janssen Felipe da Silva, problematizam alguns instrumentos de avaliação e práticas avaliativas. Também recorri aos estudos de Bernard Charlot, ao fazer reflexões sobre as relações o saber e o aprender. As análises realizadas nesse estudo apontaram que sob o olhar docente, a avaliação interfere diretamente no processo de aprendizagem dos/as alunos, enquanto que para estes a avaliação é importante apenas para eles descobrirem seus acertos e seus erros. Também apontou que os significados e os sentidos que esses alunos atribuem ao conceito de aprender estão relacionados com o saber e com práticas relacionadas ao estudo e às leituras que são realizadas dentro da instituição escolar.

Palavras-chave: Avaliação. Práticas avaliativas. Processo de Aprendizagem.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	08
2	A ESCOLA NOS DIAS ATUAIS	10
3	JUSTIFICATIVA E CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA	13
4	OBJETIVOS DO ESTUDO	16
5	METODOLOGIA	17
6	COMO AS DIFERENTES FORMAS DE AVALIAR PODEM INTERFERIR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO ALUNO	20
7	AVALIAR PARA QUE ? (QUEM ?) DEIXANDO DE LADO AS VELHAS PRÁTICAS	27
7.1	INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO COMO EXPRESSÃO DAS APRENDIZAGENS	29
7.2	AVALIAÇÃO SIM, CORREÇÃO NÃO: NOVAS CONCEPÇÕES SOBRE ÀS PRÁTICAS AVALIATIVAS	31
8	O SABER E O APRENDER: QUE RELAÇÃO É ESSA?	36
9	CONSIDERAÇÕES (NÃO TÃO) FINAIS	39
	REFERÊNCIAS	41
	APÊNDICE	44
	Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido endereçado à escola pesquisada	45
	Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido endereçado aos alunos/as	47
	Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e esclarecido endereçado aos responsáveis dos/as alunos/as	49
	Apêndice D – Termo de Consentimento Livre e esclarecido endereçado as professoras	52
	Apêndice E - Questionário endereçado aos alunos/as	54
	Apêndice F – Questionário endereçado as professoras	56

1 APRESENTAÇÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso tem a intenção de dialogar sobre as diferentes formas de avaliação e como elas influenciam no aprendizado dos/as alunos/as. Desse modo, esse estudo buscou problematizar: Como os diferentes modos de avaliar podem influenciar o processo de aprendizagem dos alunos a partir dos olhares discentes e docentes? Nesse sentido, assinei como objetivo principal desse estudo esclarecer o conceito de uma avaliação formativa e uma avaliação mediadora e se ambas contribuem no percurso dos aprendizados dos/as alunos/as.

Esse estudo se trata de uma pesquisa qualitativa no campo da educação, sendo um estudo de caso, pois buscou investigar uma situação singular em um determinado contexto com sujeitos singulares desse contexto.

As análises que foram realizadas nesta investigação são oriundas de material coletado através de um questionário que foi endereçado e respondido por 19 crianças que cursam o 4º ano em uma escola pública da cidade de Porto Alegre, e um segundo questionário que foi endereçado a 4 professoras dessa mesma escola, e respondido por apenas uma delas. Esses questionários estão incluídos como apêndice nesse trabalho.

As questões que constituíram esses questionários tinham 3 objetivos principais: **Descobrir se as crianças e as professoras relacionavam a avaliação com o processo de aprendizagem, descobrir de que forma as professoras avaliavam os trabalhos dos alunos, e esclarecer de que maneira e como as crianças aprendiam.** A partir desses objetivos busquei analisar dois grandes eixos: Quais os significados e os sentidos que os/as alunos/as atribuem para o conceito de aprender, e os/as alunos/as aprendem com as práticas avaliativas? Se sim, de que forma.

Esclareço a justificativa da temática desse trabalho, devido as práticas avaliativas que implementei durante o meu estágio obrigatório exigido pelo curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Práticas essas que implementei devido aos estudos que realizei durante a minha formação no curso de Pedagogia da UFRGS.

Para construir este estudo investigativo recorri a alguns referencias teóricos que são primordiais e de grande importância para o desenvolvimento das reflexões e análises aqui apresentadas. São eles: Jussara Hoffmann, Dale Armstrong, Olenir

Maria Mendes, Livia Suassuna, Denise Pellegrini, que abordam questões sobre avaliação formativa e avaliação mediadora. Maria Bernadette Castro Rodrigues, Claudia de Oliveira, Luis Carlos Freitas, e Janssen Felipe da Silva, que abordam sobre práticas avaliativas e instrumentos de avaliação. Também recorri aos estudos de Bernard Charlot, ao fazer reflexões sobre as relações entre o saber e o aprender.

Finalizei esse trabalho retomando os meus objetivos iniciais, e fazendo uma análise dos mesmos, a partir dos dados que foram coletados e dos referenciais teóricos utilizados. As considerações (não tão) finais desse estudo esclarecem que a temática da avaliação é oscilante e sensível, e não há como colocar pontos finais para esse estudo, uma vez que os estudos no campo da educação são permanentes indagações que nos cercam.

2 A ESCOLA NOS DIAS ATUAIS

Qual é o papel da educação e da escola nos dias atuais? Acredito que essa seja uma questão sobre a qual devemos refletir frequentemente, pois ambas estão diretamente relacionadas, visto que a escola tem um papel educativo, e nela desenvolvemos muitas práticas de educação, e ambas fazem parte da constituição e desenvolvimento da sociedade.

Maria Luisa M. Xavier (2008, p.17) ao mencionar algumas funções exigidas da escola na contemporaneidade defende que “[...] o compromisso fundamental da instituição escolar continua sendo com a aquisição e a produção de conhecimentos e com o desenvolvimento harmonioso da criança e do jovem.” Ao mencionar essa ideia, a autora ainda faz menção de que para esses objetivos da escola serem cumpridos é necessário que os/a professores/a desenvolvam seu planejamento pedagógico com a intenção de cumprir esses objetivos, sendo assim, “[...] as áreas do conhecimento, as atividades pedagógicas precisam ser intencionalmente selecionadas e organizadas para permitir a consecução desse objetivo” (p.17)

Desse modo, a escola é vista como um espaço educativo que deve proporcionar inúmeras possibilidades e oportunidades de aprendizagens aos seus estudantes. A sociedade enxerga na escola a possibilidade que o sujeito tem de se desenvolver como um cidadão para conviver em uma sociedade plural e diversificada, pois é nesse espaço que ele terá a possibilidade de viver em grupo e dessa forma aprenderá a respeitar, ouvir e conviver com o próximo. Ainda para Xavier (2008, p. 17-18), ao esclarecer sobre as funções da escola defende que os jovens precisam aprender novas linguagens, novas tecnologias, eles precisam entender o mundo para que se possa formar “um cidadão crítico, posicionado, capaz de expressar suas opiniões, seus sentimentos, suas discordâncias e também ser capaz de ouvir seus parceiros, seus interlocutores. ”

Concordo com as ideias mencionadas da autora, pois acredito que no espaço escolar o aluno aprende não apenas conteúdos escolares, mas também através desses conteúdos aprende a ser um sujeito pensante e crítico de suas próprias ações, aprende a olhar o mundo e as relações que nele são estabelecidas. Porém, será que é essa a função da escola atualmente? O que as crianças e os jovens

fazem na escola e por que frequentam esse lugar nos dias de hoje?

Penso que existem inúmeras respostas para esses questionamentos, pois deve-se considerar o contexto social que aquela criança/jovem/ está inserido, pois entendendo o seu contexto social, talvez se possa compreender porque ele frequenta a escola.

Talvez uma criança de 6 anos responda que vai à escola porque quer aprender a ler e a escrever, já um jovem de 14 anos pode responder que vai à escola porque gosta de encontrar os amigos, já outros podem responder que vão à escola porque lá existe um campo para ele jogar futebol. Uma vez ouvi de um aluno; "Eu só venho para o colégio porque aqui é onde tem comida para mim." Pode-se então pensar que a escola tem diversas funções, e todas essas permeiam a educação, porém cabe a cada um dar um significado a essa instituição. Juarez Tarcisio Dayrell, em seu artigo "A escola como espaço sociocultural (1995, p.2) menciona que "[...] a instituição escolar seria resultado de um confronto de interesses", e que esse confronto tem dois lados, "De um lado, uma organização oficial do sistema escolar[...] e [...]do outro, os sujeitos – alunos, professores, funcionários[...]. "

Para o referido autor, o lado da organização oficial do sistema escolar, é o lado onde se define os conteúdos, se organiza a instituição, e onde a hierarquização e a separação desse espaço ocorrem. Já o outro lado é onde se encontram os sujeitos que queiram estabelecer e vivenciar suas próprias relações sociais e a organização desse espaço (a escola).

Refiro-me a esse segundo lado mencionado pelo autor, esse lado onde estão os sujeitos que fazem parte dessa instituição escolar. Penso que são esses sujeitos que constroem a escola como seu espaço sociocultural, eles trazem sua cultura para dentro da escola e a vivenciam em confronto com a cultura escolar. Para Xavier (2008, p.15) os jovens estão na escola para viver sua própria cultura.

Dentro da escola, organizam, estruturam, inventam uma cultura e vivem essa cultura, que não é a cultura escolar. A cultura escolar é o preço que pagam para viver juntos essa realidade, essa sociabilidade, que é própria da juventude.

Pensando nessa cultura escolar que é construída juntamente com a cultura que os jovens (as crianças também) trazem para dentro da escola é importante para

refletirmos sobre novas práticas escolares não homogeneizantes, mas sim, que proporcionem o envolvimento do aluno com os conteúdos escolares de múltiplas maneiras e com diferentes sentidos. Ainda para Dayrell (1995, p.4) “[...] à homogeneização dos sujeitos como alunos corresponde à homogeneização da instituição escolar, compreendida como universal.” Nesse sentido, é de se pensar e como interpretar as práticas avaliativas que são implementadas nas escolas, práticas essas que se preocupam apenas com o resultado final, e não com o processo. Penso que a escolha dessas práticas se dá por pensarmos que todos os alunos são iguais (são homogêneos), e a partir disso centramos, muitas vezes, a aprendizagem na aplicação de provas e atribuição de notas (números) para classificar o/a aluno/a como bom ou ruim, assim o ensino oportunizado pela instituição escolar acaba se preocupando apenas com a seguinte questão: “passar o aluno de ano”, sem interrogar-se sobre quais aprendizagens foram construídas e por quais percursos.

Porém, ainda para Dayrell (1995, p. 4) “Nessa lógica não faz sentido estabelecer relações entre o vivenciado pelos alunos e o conhecimento escolar, entre o escolar e o extraescolar [...]”, porém, para atribuir um outro olhar aos alunos/a é importante se pensar

Uma outra forma de compreender esses jovens que chegam à escola é apreendê-los como sujeitos socioculturais. Essa outra perspectiva implica em superar a visão homogeneizante e estereotipada da noção de aluno, dando-lhe outro significado. (DAYRELL, 1995, p.5)

Trata-se de entender o aluno como um sujeito com uma identidade sociocultural, que possui suas singularidades, suas diferenças, que tem suas próprias emoções, vontades, e ações, para que se possa refletir sobre nossas práticas avaliativas, pensando sempre na aprendizagem e desenvolvimento do aluno, práticas avaliativas que compreendam esse sujeito.

3 JUSTIFICATIVA E CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

Este trabalho buscou investigar de que forma os diferentes modos de realizar uma avaliação podem influenciar o processo de aprendizagem dos alunos, que se traduz na seguinte indagação: Como os diferentes modos de avaliar podem influenciar o processo de aprendizagem dos alunos, a partir dos olhares discentes e docentes? Para essa investigação foram elaborados dois questionários que foram respondidos por discentes e uma docente de uma escola pública da cidade de Porto Alegre.

As curiosidades e indagações acerca desse estudo surgiram a partir das minhas práticas como docente que realizei em uma escola pública da cidade de Porto Alegre, em uma turma de 4º ano. Turma na qual realizei meu estágio obrigatório, exigido pelo curso de pedagogia da UFRGS. A turma no qual atuei como docente era uma turma formada por alunos bem participativos, curiosos e agitados. Desde o início do meu estágio fui muito bem recebida e acolhida pelos alunos e pela professora titular da turma. Considero meu estágio uma experiência muito positiva para a minha formação, pois foi nesse período que pude praticar o conhecimento que adquiri ao longo do curso.

Considerando as minhas concepções de avaliação, as quais pude construir durante todo o curso, implementei algumas práticas avaliativas que considero como diferenciadas e significativas para a formação do aluno, sendo assim trago o detalhamento desse estudo.

A partir das avaliações que realizei nas produções escritas dos e com meus alunos, percebi que muitos deles avançaram em suas aprendizagens devido a maneira como eu avaliava seus trabalhos, escrevendo comentários em suas produções, elogios, questionamentos. As crianças me respondiam, era uma espécie de diálogo entre professor e aluno. Foi a partir desses diálogos, dessa avaliação mais mediadora que pude me aproximar dos meus alunos, e conhecer melhor suas potencialidades, dificuldades. Percebi também que quando eu entregava alguma tarefa que eu havia avaliado, ao recebê-las eles liam atentamente o que eu havia

escrito, mostravam para os colegas “*Olha o que a sora disse do que eu fiz.*” “*Sora, que legal o que tu escreveu pra mim.*”

A partir dessas ações comecei a perceber o quão importante aquela prática que eu estava realizando era significativa para os alunos, e o sentido que ela fazia a eles. Com isso pude estabelecer uma relação mais próxima com as crianças, e conhecer um pouco da singularidade de cada um, era uma espécie de diálogo que tinha com os meus alunos, pois no momento que eu avaliava suas produções eu enxergava cada um deles ali. Nesse sentido, sempre escrevi para eles com objetivo que eles me enxergassem como uma professora interessada e envolvida com as suas aprendizagens. Sempre tive a preocupação de que quando os/as alunos/as recebessem sua produção tivessem a certeza de que eu havia lido com atenção, tentei compreender seus escritos, seu raciocínio para as respostas, que eu como professora agreguei um valor significativo para sua produção. Jussara Hoffmann (1993, p.62) mestre em educação e pesquisadora sobre a temática avaliação educacional, defende que:

[...]muito temos a descobrir debruçando-nos sobre as respostas das crianças e jovens, lendo-as nas linhas e entrelinhas, pensando como posso tê-las compreendido, suas incríveis e curiosas soluções e a interpretação possível em relação as perguntas feitas[...]

Concordo com a autora, pois acredito que é a partir dessa leitura singular e atenta que realizei nas produções dos meus alunos que surgiu o interesse por esse estudo. E é de grande importância que profissionais da área da educação possam ter um novo olhar sobre a avaliação de trabalhos e tarefas de seus alunos, para que se possa construir uma avaliação que é formativa, com o intuito de promover a aprendizagem dos alunos.

Também percebi, ao longo do curso de Pedagogia da UFRGS e com algumas experiências que tive em escolas, que muitas professoras avaliam os trabalhos dos alunos apenas escrevendo “ok” ou “visto”, ou colocando apenas o que está certo e errado, esse é o ato de corrigir, no qual se procura apenas o que é correto, ressaltando assim o erro do aluno.

Porém, nesse estudo busco contribuir para a reflexão de profissionais na área da educação, que é importante para a formação do aluno o ato de avaliar, ou seja,

avaliar no sentido de mediar e formar o aluno, dando-lhe oportunidade de refletir mediante suas respostas.

Acredito que é de grande importância lembrarmos que a avaliação tem como finalidade a aprendizagem e como afirma Claudia Fernandes e Luis Carlos Freitas (2008, p. 21), dois pesquisadores da área da educação e da temática currículo e avaliação, que é possível sim “[...]concebermos uma perspectiva de avaliação cuja vivência seja marcada pela lógica da inclusão, do diálogo, da construção, da autonomia, da mediação, da participação, da construção da responsabilidade com o coletivo”

Dessa forma, busquei (e ainda busco) estabelecer minhas práticas avaliativas, fazendo mediações entre professor/a e aluno/a, aluno/a e aluno/a, para que dessa forma todos possam participar desse processo de ensino e de aprendizagem.

4 OBJETIVOS DO ESTUDO

Esse estudo tem como objetivos principais compreender o conceito de uma avaliação formativa, que busca formar o aluno dentro de seu processo de aprendizagem. Para o conceito de avaliação formativa utilizo as concepções de Dale Armstrong, especialista em avaliação escolar, e Olenir Maria Mendes, com estudos na linha de pesquisa Avaliação Educacional.

Para a compreensão de uma avaliação mediadora, que busca fazer mediações no processo de aprendizagem do aluno, utilizo as ideias de Jussara Hoffmann, com estudos na linha de pesquisa em avaliação educacional. Considerando que ambos os modelos de avaliar têm como objetivo o caminho que o aluno percorre durante a construção do seu conhecimento, se pretende compreender como as práticas avaliativas podem interferir no processo de aprendizagem da criança e revelando qual a importância dessas para a formação do aluno enquanto um sujeito aprendiz.

Também compreender que a avaliação tem como finalidade a aprendizagem do aluno, e compreender que a aprendizagem percorre um caminho no qual deve ser respeitado pelo educando, que é preciso respeitar as trajetórias e as diferentes vivências de cada um, pois cada sujeito possui as suas singularidades.

Trazer um novo olhar sobre o ato de avaliar as produções dos alunos, assim defendendo a avaliação de trabalhos e não a “correção” dos mesmos, pois acredita-se que a “correção” serve para medir, e selecionar o certo do errado e desta forma estaria classificando e selecionando os sujeitos como “bons” e “ruins”.

Sendo assim, esse estudo visa contribuir com reflexões acerca do processo avaliativo, para que docentes e profissionais da área da educação possam pensar que para auxiliar o processo de aprendizagem dos/a alunos/as seria importante pensar em práticas avaliativas formativas e mediadoras.

5 METODOLOGIA

Neste presente estudo farei uso da pesquisa qualitativa, utilizando como forma metodológica o estudo de caso. A pesquisa Qualitativa, Segundo Menga Lüdke Doutora em Educação pela Universidade de Paris e Marli E. D. A.. André (BOGDAN e BIKLEN apud LÜDKE e ANDRÉ 1986, p.11) pode ser entendida por cinco características que configuram esse estudo, sendo elas:

1. A pesquisa qualitativa tem como seu principal instrumento o ambiente no qual se vai pesquisar, e nesse ambiente o pesquisador precisa ter um contato direto e prolongado.
2. Os dados que serão reunidos podem ser diversos, como fotografias, documentos e entrevistas. Os dados coletados devem ser descritivos e usados como citações para referenciar argumentos do estudo.
3. A pesquisa qualitativa visa sua preocupação no processo, ou seja, nas situações e nos acontecimentos que irão ocorrer durante o estudo, e não apenas nos resultados que o estudo irá trazer (o produto)
4. “Nesses estudos a sempre uma perspectiva de capturar a ‘perspectiva dos participantes’, isto é, a maneira como os informantes encaram estas questões que estão sendo focalizadas. ” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.12)
5. Para os pesquisadores a análise dos dados coletados não busca responder questões definidas anteriormente ao início dos estudos, mas acreditam que durante a investigação do estudo novas hipóteses poderão surgir.

Sendo assim, penso na importância da pesquisa qualitativa em um estudo que busca investigar questões que emergiram dentro do ambiente escolar. Ainda para Lüdke e André (1986, p. 13-14) a pesquisa qualitativa está dividida em dois tipos de metodologia: pesquisa etnográfica e estudo de caso, sendo que o estudo de caso pode utilizar ferramentas da etnografia. Sendo o estudo etnográfico “a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo.

Esse tipo de estudo utiliza para a coleta de dados as seguintes ferramentas: observação participante, entrevista, história de vida, dentre

outros. Já o estudo de caso, ainda para as reflexões de Lüdke e André (1986, p.17) “deve ser aplicado quando o pesquisador tiver o interesse em pesquisar uma situação singular, particular. ” Esse tipo de estudo conforme Oliveira (2008) visa tratar da complexidade de uma situação singular e tem como foco o problema em seu aspecto total. Para a coleta de dados são colhidas diversas fontes em diversos momentos com diferentes sujeitos.

A justificativa para utilizar o estudo de caso como metodologia desse estudo, se dá por ser um estudo que pesquisou uma determinada turma de crianças, em uma escola específica, em uma situação que ocorreu durante o meu estágio obrigatório, já citado anteriormente, dessa forma busco responder minhas indagações nos quais são expostas nesse trabalho, através da pesquisa qualitativa nesse contexto específico.

Para responder essa indagação foram produzidos dois questionários. O primeiro deles foi destinado para 23 crianças, que cursam o 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Porto Alegre. Sendo 11 crianças do sexo masculino e 12 crianças do sexo feminino, porém, estavam presentes no dia que foi escolhido para realizar esse questionário, apenas 21 crianças, sendo 11 crianças do sexo feminino e 10 do sexo masculino, porém duas alunas não tiveram autorização dos seus responsáveis para participarem da pesquisa, sendo assim, somente 19 alunos/a responderam ao questionário dessa pesquisa.

Essas crianças foram escolhidas como sujeitos dessa pesquisa, pois, foi a partir das práticas avaliativas que desenvolvi com elas, durante o meu estágio curricular, que pude começar a refletir sobre a problematização desse estudo, já mencionado no parágrafo anterior.

O segundo questionário foi elaborado para 4 professoras dessa mesma escola já referida. A justificativa de escolher essas 4 docentes como sujeitos desse estudo se deu a partir das minhas observações, enquanto estagiária dessa escola, e o meu convívio diário com as mesmas. Foi através disso que pude perceber nelas diferentes formas de avaliar os/a alunos/as. Suas práticas também me fizeram refletir e interrogar sobre como este estudo poderia ser concretizado. O questionário elaborado para as professoras foi enviado para o e-mail pessoal das mesmas, porém apenas uma professora deu o retorno com o questionário respondido. Sendo

assim, esse estudo buscou compreender e analisar as respostas obtidas por uma professora (além das respostas obtidas pelas crianças). Os nomes dos sujeitos pesquisados (professora e alunos) que aparecem nesse estudo são fictícios, sendo que os nomes fictícios dos alunos foram escolhidos por eles próprios.

6 COMO AS DIFERENTES FORMAS DE AVALIAR PODEM INTERFERIR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO ALUNO

Neste capítulo busco esclarecer quais as contribuições de uma avaliação mediadora e uma avaliação formativa no processo de aprendizagem dos alunos, para isso faço referência a alguns autores que estudam esses conceitos, também faço uso de alguns excertos do questionário que foi direcionado a professora pesquisada nesse estudo para embasar meus argumentos.

Além disso, busco apresentar como se pode pensar em diferentes práticas avaliativas, práticas diferentes daquelas que são denominadas como “classificatórias”. Dessa forma busco apontar os objetivos das diversas práticas avaliativas, sempre considerando o processo de aprendizagem do aluno como o protagonista da avaliação.

O processo de aprendizagem está extremamente ligado com o ato de avaliar, pois avaliamos para conseguirmos enxergar como está sendo desenvolvido o processo de aprendizagem, para que nós professores/as possamos interferir no mesmo.

A partir da ideia de que a avaliação deve contribuir para a aprendizagem dos/a alunos/a, defendo a concepção de uma avaliação mediadora e uma avaliação formativa. Mediadora no sentido de:

[...]analisar teoricamente as várias manifestações dos alunos em situações de aprendizagem (verbais ou escritas, outras produções), para acompanhar as hipóteses que vêm formulando a respeito de determinados assuntos, em diferentes áreas do conhecimento, de forma a exercer uma ação educativa que lhes favoreça a descoberta de melhores soluções ou a reformulação de hipóteses preliminarmente formuladas. (HOFFMANN, 1993, p. 95-96)

Para vir ao encontro das afirmações de Hoffmann, analiso as respostas obtidas ao questionário da professora Dani, que é sujeito dessa pesquisa.

É importante proporcionar diversidade de práticas, conforme a área do conhecimento (matemática, linguagem, história, geografia e ciências); no caso de crianças, observar o seu engajamento em atividades escolares e a maneira como resolvem os problemas propostos pelas professoras. A interação diária de sala de aula fornece elementos para compreender a trajetória de aprendizagem dos alunos.
--

Nesse sentido, se pode pensar que em uma prática avaliativa mediadora, deve-se propor diferentes procedimentos, dinâmicas e estratégias de aprendizagem. Para que a partir dessas estratégias se possa observar os alunos em diferentes momentos, e assim o/ professor/a seja capaz de pensar em como irá mediar e auxiliar seu/sua aluno/a para que ele/a possa avançar em suas aprendizagens e descobrir diferentes modos de aprender.

Já a avaliação formativa, termo muito utilizado por Armstrong (2004) que, ao ser entrevistado pela revista *Presença Pedagógica*, responde diversas questões sobre a temática avaliação, e segundo o autor uma avaliação formativa é:

[...] principalmente uma avaliação para o aprendiz. É algo que acontece continuamente, que os professores fazem na sala de aula quando estão trabalhando com os estudantes [...], dando retorno ao aluno de seu desempenho em aspectos específicos de seu trabalho.

Nesse sentido, a aprendizagem é protagonista nesse modelo de avaliação, pois em uma avaliação formativa nós avaliamos para o aprendiz, dessa forma, avaliamos o processo que está sendo vivenciado pelo sujeito. Ainda para Armstrong (2008, p.8) o planejamento de uma aula não deve ocorrer sem pensarmos em como se vai avaliar essa aula, pois a avaliação é parte do planejamento pedagógico.

Vindo ao encontro das ideias de Armstrong, Mendes (2005, p.177) defende que “Avaliação Formativa é toda prática de avaliação contínua que pretende contribuir para melhorar as aprendizagens em curso [...]” A autora menciona que para construir uma prática formativa de avaliação é necessário que ela (a avaliação) ocorra durante todo o processo, e que não se restrinja somente em verificar o produto final da aprendizagem.

Denise Pellegrini (2003, p. 27), que é uma profissional na área da Educação, ao citar a avaliação formativa como uma nova forma de avaliar que estaria à frente de uma avaliação classificatória ressalta que “[...] a avaliação formativa não tem como pressuposto a punição ou premiação. Ela prevê que os estudantes possuem ritmos e processos de aprendizagem diferentes”

Esse modelo de avaliação respeita a diversidade que hoje encontramos nas nossas salas de aula, e “tira o rótulo” de que todos alunos são iguais e que aprendem no mesmo tempo, da mesma forma, e quando algum aluno não acompanha esse ritmo é classificado e selecionado como um aluno “ruim” e/ou “fraco”. Como mencionei anteriormente, as práticas avaliativas refletem as práticas

educacionais da escola e para que essa mudança, para que esse modo de avaliar entre “em vigor” é preciso “uma mudança em quase todos os níveis educacionais: currículo, gestão escolar, organização da sala de aula, tipos de atividade [...]” (PELLEGRINI, 2003, p.27). Mudanças essas que acredito que devem permear o processo de inclusão e cooperação da sociedade. Trago aqui um excerto das ideias da professora Dani, já mencionada anteriormente, sobre essa relação da avaliação e a organização escolar.

Acredito que a avaliação reflete a proposta político-pedagógica e o currículo de cada instituição escolar, bem como reflete também as práticas pedagógicas que o grupo de professores elege como adequada para cada faixa etária.

Podemos observar, a partir dessa ideia mencionada pela professora, que nossas práticas avaliativas refletem a proposta político-pedagógica da escola e seu currículo. Porém é importante observarmos que a proposta político-pedagógica das escolas traduz muito a sociedade na qual estamos vivenciando. Dessa forma a avaliação fazendo parte do currículo escolar estaria reproduzindo os modos de viver as relações estabelecidas em sociedade. Segundo Mendes (2005, p. 175)

Sem dúvida, avaliação tal como concebida e vivenciada na maioria das instituições educacionais, mobiliza um poder que está diretamente relacionado com a forma de organização escolar e suas relações com a sociedade em que se encontra inserida.

Sendo assim podemos refletir sobre como a sociedade está vivendo e se relacionando hoje, e como essas relações interferem na organização e no currículo escolar. Dessa maneira podemos pensar como os objetivos propostos para os conteúdos escolares, e que serão viabilizados por meio dos procedimentos e das atividades, produzem aprendizagens significativas para os/a alunos/a.

Maria Bernadette Castro Rodrigues (2013, p.60), defende o termo objetivo “como uma meta para qual convergem progressivamente os resultados de sucessivas ações. O objetivo ou meta guia as ações. Um planejamento intencional requer uma clareza sobre as ações, suas razões e suas finalidades.” Pensando nas ideias da referida autora, temos que ter clareza das intencionalidades das nossas ações, das nossas práticas pedagógicas, pois são elas que irão determinar o que queremos avaliar. Ainda para Rodrigues (2013, p.65), nossas práticas avaliativas

devem valorizar a trajetória e o processo de aprendizagem do aluno, sempre considerando nossos objetivos para tal ação.

[...] deve ser adotada uma prática avaliativa da aprendizagem contínua, visando a uma regulação interativa, ou seja, as relações entre professor/a e aluno/a serão consideradas em avaliações que permitam adaptações do ensino e da aprendizagem, sem perder de vista os objetivos estabelecidos. A análise não é só do produto da aprendizagem, mas, sobretudo, de seu processo.

Essa prática de avaliação contínua, mencionada a cima e defendida por Rodrigues, deve ser processual, visando sempre mediar esse processo, e não apenas buscando um bom resultado somente no final, mas sim no percurso do caminho.

Este significado que faço referência ao ato de avaliar não é o único, existem diversas formas de avaliar, e isso está implicado no que eu considero como avaliação, o que a avaliação significa para mim enquanto docente? Essas são perguntas pertinentes que devemos pensar, para que assim possamos ter mais clareza nas nossas ações em sala de aula.

Existe um modelo de avaliação que é denominada como “Avaliação classificatória” que é aquela a qual está preocupada em classificar os alunos como bons ou ruins, que classifica as atitudes dos mesmos como certas e erradas, não levando em conta, muitas vezes, o seu processo de aprendizagem. Segundo Hoffmann (1993, p. 95) a avaliação classificatória serve para:

Corrigir tarefas e provas do aluno para verificar repostas certas e erradas e, com base nessa verificação periódica, tomar decisões quanto ao seu aproveitamento escolar, sua aprovação ou reprovação em cada série ou grau de ensino (prática avaliativa tradicional).

Percebe-se que a avaliação classificatória ao considerar o acerto como uma verdade acaba excluindo o pensamento do aluno, e o seu raciocínio para ter chegado em tal resposta. Ou seja, nesses casos o erro é simplesmente aquilo que não atingiu as expectativas do professor.

Vivenciei essa experiência em uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental, a qual realizei uma prática pedagógica em um período de uma semana. Levei para a turma um jogo de rimas sonoras. O jogo era composto por diversos cartões com desenhos de palavras no qual suas sonoridades rimavam

entre si (ex: balão, sabão). O objetivo do jogo era que as crianças encontrassem os pares, ou seja, as palavras as quais havia semelhanças sonoras entre si. Antes de iniciar o jogo eu expliquei aos alunos qual era o objetivo do jogo, também expliquei o que significava a palavra “rima” dentro daquele contexto, ou seja, expus as crianças o que a palavra “rima” significava para o nosso jogo. A maioria dos alunos já tinha compreensão do que era uma rima sonora, pois a professora titular da turma já havia trabalhado um jogo semelhante a esse o qual eu havia levado a eles.

Iniciei o jogo com a turma, e reparei que as crianças haviam compreendido o objetivo do mesmo, e no decorrer do jogo elas conseguiam montar os pares conforme a sonoridade das palavras. Mas, quando perguntei a um menino “qual dessas palavras que rima com presente? (Esperando que ele me entregasse o cartão que tinha a figura de um dente), ele pensou rápido, pegou um cartão na mão e disse alto “anel sora, anel rima com presente”.

Naquele momento notei que a palavra rima tinha ganhado um significado diferente para aquele aluno, percebi que seu entendimento sobre rimar havia sido diferente do significado que eu havia explicado a turma. Tentei compreender o raciocínio daquele aluno, então percebi que ele buscou entender o contexto da palavra, e rapidamente fez “conexões” de que um anel seria um ótimo presente para dar a alguém. Eu respondi que estava certo, que realmente anel e presente poderiam rimar, mas expliquei que a minha pergunta era em relação ao som da palavra, e dei alguns exemplos para que ele pudesse compreender.

Com isso reflito como é importante escutarmos o aluno, para entender seus esquemas, seu raciocínio, e desta forma não utilizar o método de seleção, de selecionar o que é certo e o que é errado, é importante enxergarmos o que está por trás daquilo que estamos vendo. Faço referência aqui de uma frase do filme sociedade dos poetas mortos no qual diz “Assim que você pensar que sabe como são realmente as coisas, descubra outra maneira de olhar para elas”.

Também nesse modelo de avaliação os alunos são avaliados com nota. Porém será que um número é capaz de representar as aprendizagens do aluno durante seu percurso? Hoffmann (2003, p. 30) em uma entrevista para a Revista Nova Escola (2003) é questionada com a seguinte pergunta “*Dá certo substituir as notas por relatórios ou pareceres?*” A resposta da autora traz a ideia de que um número é muito generalizante e não consegue captar as individualidades da criança.

Eles são subjetivos e genéricos e não refletem com precisão muitas situações de aprendizagem que ficam claras em pareceres. Considero a avaliação o acompanhamento do processo de construção de conhecimento, e as médias não permitem isso.

Para ressaltar essa ideia que o parecer descritivo, por sua vez, acaba trazendo informações mais detalhadas sobre o/a aluno/a, assim não sendo tão genérico quanto aos números (notas), trago aqui novamente excertos de uma das colocações da professora Dani.

Como elaboro um parecer descritivo a partir destes critérios não tenho preocupação com peso ou nota. Apenas tento deixar claro no texto os objetivos de ensino do trimestre, os pontos de destaque do aluno (aprendizagens adquiridas) e os pontos a serem trabalhados (aprendizagens em desenvolvimento).

Pode-se perceber que a referida professora não tem preocupação em atribuir notas aos alunos, pois acredita que o parecer descritivo, ou seja, esse documento que expressa uma prática avaliativa e dá visibilidade ao processo do/a aluno/a, quando escrito de forma que mostre com clareza os objetivos do ensino, e dá um retorno ao aluno sobre suas aprendizagens e suas ações, não se faz necessário utilizar um número para classificar o/a aluno/a, ou seja, realizar uma avaliação classificatória.

Penso que uma avaliação classificatória não está a serviço da aprendizagem, porque acaba fazendo o caminho inverso, pois ao invés de estar atenta naquilo que se ensina, no modo como será abordado tais conteúdos e como cada aluno irá reagir/responder a isso, preocupa-se apenas em nomear e classificar os alunos. É como dar um parecer sem mostrar o diagnóstico, porém, “[...]se a escola existe para ensinar, de que vale uma avaliação que só confirma ‘a doença’ sem identifica-la ou mostrar sua ‘cura’?” (HOFFMANN, 2003, p. 27)

Para que a avaliação tenha como finalidade a aprendizagem é importante ressaltar a ideia de Fernandes e Freitas (2008, p. 20) que defendem que:

A avaliação é uma das atividades que ocorre dentro de um processo pedagógico. Este processo inclui outras ações que implicam na própria formulação dos objetivos da ação educativa, na definição de seus conteúdos e métodos, entre outros. A avaliação, portanto, sendo parte de um processo maior, deve ser usada tanto no sentido de um acompanhamento do desenvolvimento do estudante, como no sentido de uma apreciação final sobre o que este estudante pôde obter em um

determinado período, sempre com vistas a planejar ações educativas futuras.

A professora pesquisada e já referida anteriormente também narra em suas respostas no questionário, a importância da avaliação a serviço da aprendizagem, conforme segue:

A avaliação influencia diretamente na maneira como os alunos aprendem, pois regula quais são os indicadores mais ou menos importantes para a criança desenvolver ao longo de sua trajetória escolar, sendo assim, a avaliação tem impacto no modo como as famílias e os alunos pensam o que é aprender e como devem aprender naquele determinado ambiente escolar.

Pensando deste mesmo modo, percebo que a avaliação implica uma série de outras ações didático-pedagógicas que implementamos em sala de aula enquanto docentes. É importante termos clareza dos nossos objetivos em sala de aula, o que queremos alcançar ensinando tais conteúdos, como vou abordar esses conteúdos, quais as estratégias que serão realizadas para trabalhar com a turma, pois assim estaremos construindo as formas e os recursos que iremos utilizar para avaliar todo esse processo.

Penso que uma avaliação pertinente à aprendizagem é aquela onde atribuímos um olhar ao processo do aluno, a todas suas ações dentro da escola, sejam elas em relação aos conteúdos e com suas relações afetivas que são construídas na escola. Esse processo avaliativo nos ajuda a identificar quem é esse aluno, e quais são suas singularidades.

7 AVALIAR PARA QUE (QUEM)? DEIXANDO DE LADO AS VELHAS PRÁTICAS

Neste capítulo irei abordar como práticas avaliativas, consideradas inovadoras, podem contribuir para as aprendizagens dos/as alunos/as, nesse sentido também trago e analiso excertos do questionário respondido pela professora Dani, que é sujeito dessa pesquisa, que aponta algumas de suas práticas avaliativas que ela acredita que não são tradicionais e auxiliam o aluno a se desenvolver na sua trajetória escolar.

Quando avalio um trabalho, avalio para quem? Para mim, enquanto docente, ou para o meu aluno? Acredito que a resposta deva variar de acordo com as concepções de avaliação de cada um. Trago a discussão de que a avaliação tem como finalidade a aprendizagem, desta forma se eu avalio uma atividade para o meu aluno, devo avaliar de uma maneira que faça ele pensar e refletir sobre o que produziu, devo encontrar uma maneira onde o aluno possa enxergar que eu professora li a sua produção e tentei compreender o que ele estava me passando com seus escritos.

Visto que, se eu avalio um trabalho com o intuito de corresponder as minhas expectativas como professora provavelmente estarei fazendo uma correção, e não uma avaliação, ressaltando e marcando sempre o que está errado. Hoffmann (1993) ressalta que o professor raramente destaca pontos positivos nas produções dos alunos, e com pouquíssima frequência faz um elogio na sua escrita, pois sempre é surpreendido com o erro do aluno, ou seja, com aquilo que não superou a expectativa daquele professor. Segundo Hoffmann (1993, p. 107) “sem dúvida, parece que o professor se surpreende que o aluno não saiba alguma coisa (ele não é um aprendiz?), enquanto deveria se admirar com suas incríveis e precoces descobertas”.

É possível inovarmos nossas práticas avaliativas, pensando em uma avaliação na qual as produções dos alunos são grafadas pelo professor, onde há escritos e observações que ele faz, elogios questionamentos, comentários reflexivos, pois dessa forma o aluno está participando ativamente do seu processo de avaliação, e sendo protagonista dessa prática. A professora Dani vem ao encontro dessa ideia, ao mencionar que a participação dos/a alunos/a é muito importante para a avaliação.

Sim, acredito na participação dos alunos no processo avaliativo, no esclarecimento como forma de incentivar e promover aprendizagens escolares. Exemplo disso é o momento de correção do tema que considero um momento riquíssimo da rotina escolar em que podem ser discutidos/sistematizados no grupo temas e/ou conteúdos a partir das respostas dos alunos.

Considerando o momento da “correção” do tema, com a participação dos/a alunos/a, já é possível perceber uma prática inovadora de avaliação, que como já foi mencionado anteriormente, valoriza o sujeito-aluno no lugar de protagonista do processo de aprendizagem.

Ainda pensando sobre os registros escritos que o/a professor/a pode fazer nos trabalhos dos/a aluno/s é importante ter cuidado no que se escreve e como se escreve. Hoffmann (1993) diz que de nada adianta rabiscar todo o trabalho do aluno para o reprimir para ressaltar o que ele enquanto professor não gostou, trazendo assim uma visão elitista e hierárquica, na qual o professor é sempre o centro do conhecimento, e sempre tem razão. Entretanto, acredito que existem professores que avaliam as produções de seus alunos com o intuito de mediar em seu processo de aprendizagem. O pensamento da professora Dani ilustra isso, quando respondeu a seguinte questão: Após avaliar os trabalhos e/ou atividades dos alunos, como você dá um retorno para eles?

Na própria folhinha da atividade procuro me comunicar com os alunos circulando com lápis o que devem rever, elogiando o que foi bem feito, chamando atenção para questões que devem melhorar.

Destaco nessa resposta a palavra “comunicar”, assim percebendo que essa professora tenta buscar através da avaliação uma forma de diálogo com seus alunos. Ela também relata que quando um aluno não recebe um retorno em seu trabalho, ele perde o sentido, como se aquilo que aluno produziu fosse “inútil”.

O fato de não devolver as atividades torna o trabalho do aluno algo sem sentido, a criança não encontra um fim para aquilo que está realizando. Com o retorno dos trabalhos ela vê sentido em seu esforço, sua dedicação e tem a oportunidade de melhorar.

Após essas discussões, é válido ressaltar também que é importante termos clareza de que “[...] as tarefas de aprendizagem são pontos de partida do professor, no sentido de gerar conflitos entre as crianças pela confrontação entre elas a

respeito de diferentes soluções pensadas, atividade do pensamento em evolução” (Hoffmann, 1993, p. 107).

Sendo assim, além de avaliarmos as tarefas nessa perspectiva, de fazer o aluno avançar e pensar, ao avaliarmos cada tarefa de uma maneira singular, estaremos propondo momentos de trocas entre os alunos, pois é bem comum, quando um aluno recebe seu trabalho já avaliado, automaticamente ele mostra para os outros colegas, para comparar, mostrar, descobrir o que a professora escreveu no trabalho do colega que é diferente do seu.

7.1 INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO COMO EXPRESSÃO DAS APRENDIZAGENS

Como abordei anteriormente, a avaliação é uma ação pedagógica fundamental no cotidiano escolar e é parte integrante do planejamento pedagógico, com o objetivo de acompanhar os processos de aprendizagem dos/as alunos/as. Porém para a avaliação se concretizar, é preciso que se realizem procedimentos nos quais essa ação se efetive. Sendo assim, faço referência a Janssen Felipe da Silva (2006, p. 59), com estudos na linha de pesquisa sobre currículo e avaliação da aprendizagem, que ao abordar questões relacionadas a avaliação e planejamento menciona que:

Tendo a avaliação educacional uma natureza intencional e sistemática, ela precisa materializar-se através de metodologias de procedimentos didáticos previamente planejados e flexibilizados durante sua efetivação.

Concordo com a ideia do autor, pois acredito que seja necessário desenvolver metodologias nas quais sejam flexíveis as nossas práticas avaliativas, e é a partir dessas metodologias que irão ser criados/desenvolvidos os instrumentos avaliativos. Hoffmann em uma teleconferência para a rede SESC/SENAC (2011), afirma que os instrumentos avaliados estão a serviço das concepções e são uma forma de demonstrar o que eu, enquanto docente, penso sobre avaliação. Sendo assim, os instrumentos de avaliação traduzem os meus objetivos enquanto docente, os objetivos que desenvolvi para o meu planejamento pedagógico, tudo isso será concretizado nos instrumentos avaliativos.

Contudo, é necessário se pensar o que eu enquanto professor/a considero como um instrumento de avaliação que será adequado para trabalhar com os alunos, o que eu vou considerar como um instrumento que será avaliado. Eu acredito que é preciso utilizar diversos instrumentos de avaliação, pois essa diversidade será capaz de nos auxiliar a avaliar os alunos/as por diferentes maneiras. Conforme Silva (2006, p. 66)

[...] não se justifica o uso de apenas um instrumento avaliativo, pois quanto maior for o seu número, mais tipos de informações poderão ser coletadas, possibilitando uma melhor compreensão e intervenção sobre o objeto avaliativo.

As diversas atividades realizadas em aula, como por exemplo, um cartaz feito pelo grupo de alunos, uma dinâmica realizada no pátio da escola, um jogo (como trilha, dominó, quebra-cabeça), uma discussão feita em aula na qual os alunos irão debater algum assunto cotidiano, ou uma produção textual, tudo isso pode ser utilizado como instrumentos avaliativos a favor das aprendizagens e como expressão destas. A professora Dani, faz menção em suas respostas sobre a diversidade de instrumentos avaliativos, ressaltando que, apenas um modo de avaliar, não dará conta das aprendizagens escolares:

Uma só avaliação não consegue dar conta do todo das aprendizagens escolares (múltiplas e complexas como são) e por isso considero que ela é um recorte daquilo que é feito e que ocorre efetivamente na sala de aula. Neste recorte encontramos os parâmetros que são mais importantes para uma ou outra instituição. Por exemplo: há escolas que valorizam mais trabalhos individuais e outros trabalhos em grupo.

Porém é necessário que os professores/a tenham a clareza quanto ao seu objetivo, é necessário se pensar “o que eu quero que os alunos alcancem, aprendam e desenvolvam com essa atividade? ”É de grande importância que o/a professor/a se faça essa pergunta, pois quando se tem mais clareza do que se vai avaliar é mais fácil realizar essa ação, e só é possível saber o que se quer avaliar quando os objetivos docentes e do planejamento pedagógico estão “claros” para o próprio docente e, se possível também para os/as alunos/as. Fernandes e Freitas (2008, p. 27) defendem que:

[...] ao falarmos em instrumentos utilizados nos processos de avaliação, estaremos falando das tarefas que são planejadas com o propósito de

subsidiar, com dados, a análise do professor acerca do momento de aprendizagem de seus estudantes.

Dessa forma, se pode perceber o quanto estes instrumentos são essenciais para o processo de aprendizagem, pois além de serem planejados com um objetivo inicial, eles serão a fonte de dados que o/a professor/a terá para descobrir onde o aluno está, se está compreendendo o que está sendo abordado em aula, quais suas dificuldades e potencialidades, e como eu professor devo mediar para auxiliar esse aluno, ajudá-lo a progredir, sempre lembrando que “O que o estudante demonstrou não conhecer em um momento poderá a vir a conhecer em outro” (FERNANDES E FREITAS, 2008, p. 28).

Concordo com os autores, pois acredito que conforme as intervenções que o professor irá fazer, o aluno pode aprender o que lhe foi ensinado e que anteriormente não conseguiu compreender. Ou seja, se o professor fizer uso de diferentes metodologias, utilizar novas formas de intervenções com aquele aluno, possivelmente ele irá progredir.

Sendo assim trago a discussão de que para se atribuir um novo olhar para o ato de avaliar seria bom que se entendesse que não avaliamos a atividade que o aluno fez, mas sim os objetivos que aquela atividade se propunha desenvolver, ao traduzir os conteúdos em atividades. Dessa forma penso que seria de grande importância que os professores/as começassem a refletir sobre essas discussões, para que assim pudessem enxergar as atividades que eles propõem desenvolver em aula com uma outra perspectiva e finalidade.

7.2 AVALIAÇÃO SIM, CORREÇÃO NÃO: NOVAS CONCEPÇÕES SOBRE ÀS PRÁTICAS AVALIATIVAS

Neste subcapítulo procuro dialogar e problematizar as distinções entre avaliar e corrigir, buscando esclarecer como nossas práticas avaliativas podem ser desenvolvidas, e quais são os seus objetivos, a fim de que através dessas práticas, se possa descobrir quando estamos avaliando, e quando estamos corrigindo uma tarefa, atividade, e/ou as produções dos alunos desvinculada de seus propósitos. Para desenvolvermos ações educativas que estejam a serviço da aprendizagem do aluno é importante termos clareza das práticas avaliativas que iremos desenvolver

em sala de aula. Rodrigues (2013, p. 65-66) defende que nossas práticas avaliativas estão diretamente relacionadas com o planejamento pedagógico e os objetivos nos quais estabelecemos para esse. Para a referida autora, as práticas avaliativas requerem:

[...]que o/a professor/a constantemente busque ter presente para si seus fundamentos, suas escolhas teóricas. Além disso, é necessário que tenha clareza dos objetivos do seu trabalho e assuma uma atitude investigativa diante das manifestações dos/as alunos/as à proposta. (p.66)

Dessa maneira, compreendo que as práticas avaliativas permeiam o planejamento pedagógico, necessitam de um objetivo claro sobre o que vamos ensinar e aprender, bem como devem esclarecer: para quem vou ensinar, por que irei abordar e de que forma irei abordar determinado conteúdo em aula, qual o objetivo dessa aula. Enfim, quando essas perguntas estão sustentadas em um objetivo, em uma finalidade, conseqüentemente nossas práticas avaliativas irão refletir nosso planejamento didático-pedagógico e nossa ação docente. Segundo Silva (2006, p. 59),

[...]a avaliação não é um processo em si mesmo, não é um fim, mas um meio articulado ao planejamento, ao ensino e à aprendizagem que procura informar como os objetivos do trabalho pedagógico estão se concretizando, tendo como referência, principalmente, as necessidades socioeducativas dos aprendentes.

Cabe ressaltar apenas que o objetivo e a finalidade dessas ações têm de ser a aprendizagem do aluno, como argumenta Silva (2006), pois quando se tem a intenção de realizar práticas avaliativas que sejam mediadoras e formativas, ou seja, quando a avaliação está a serviço da aprendizagem do aluno, conseqüentemente o planejamento didático-pedagógico tem de ter essa mesma finalidade, já que essas duas práticas pedagógicas (planejamento e avaliação) caminham juntas, como mencionei anteriormente.

Entretanto, para muitos professores o ato de avaliar é aquele no qual se coloca um “c” de certo ou um “x” de errado nas questões. Também é muito comum encontrar em avaliações de textos dos alunos/as apenas a palavra “visto”, e a nota, demonstrando assim, que aquele conteúdo trabalhado foi “olhado” e assim, avaliado como bom ou ruim, conforme a nota.

Porém, o que será que o aluno pensa quando recebe um trabalho avaliado dessa forma? Se a avaliação de um texto diz 'visto', mas visto o que? Será que a professora leu realmente o meu trabalho? O que será que ela pensou dessa ideia que eu escrevi? Por que será que tirei essa nota. Essa foi uma fala que ouvi de uma colega minha da faculdade, quando recebeu o seu trabalho corrigido apenas com a palavra "visto". Com essas ideias mencionadas trago a seguinte questão "será que o ato de avaliar não está sendo transformado no ato de corrigir?"

Em um primeiro momento, é preciso esclarecer a definição da palavra corrigir. Conforme o dicionário Saraiva, corrigir significa: indicar, assinalar o(s) erro(s). Já a palavra correção conforme o mesmo dicionário significa: Ato ou resultado de corrigir, qualidade do que é correto. Sendo assim, nas correções sempre é ressaltado o erro do aluno, e esse erro é sempre visto como algo ruim, o erro muitas vezes acaba rotulando os/a alunos/a.

Todavia, segundo Mendes (2005, p.183) é possível se adotar uma nova postura frente aos resultados que os alunos nos apresentam. Segundo a autora "o erro passa a ser muito importante para o nosso trabalho. O erro revela que o aluno precisa de nossa ajuda. Através de seu erro saberemos como ajudá-lo e o que, ou em que, ele precisa de nossa ajuda."

Com essa concepção sobre o erro dos alunos é possível agirmos enquanto docentes, de forma mediadora, buscando sempre fazer mediações para auxiliar o/a aluno/a em seu aprendizado.

Ressalto nesse estudo novamente a relevância de uma avaliação formativa e mediadora, uma avaliação que tem como finalidade a aprendizagem do/a aluno/a, que busca identificar como essa aprendizagem está sendo desenvolvida pelo/a aluno/a, quais suas potencialidades, suas dificuldades e como mediar esse processo buscando sempre auxiliar o sujeito a desenvolver seus conhecimentos. Dessa forma busca-se compreender o processo de cada um, para que se possa não aperfeiçoar, mas sim fazer com que o aluno avance no seu processo de aprendizagem. Considero o ato de "avaliar" como um caminho que possa oferecer novas possibilidades para nossas ações docentes, e não apenas o ato de "corrigir".

Pois, penso que o ato de corrigir apenas enaltece a classificação do/a aluno/a, pois está apenas selecionando o que está certo e o que está errado e dessa forma não está buscando mediar no processo de aprendizagem. Uma vez que a mediação

busca dialogar e interagir com os sujeitos, e tentar compreender seus esquemas para que assim se possa ajudar a melhorar e desenvolver suas aprendizagens. Escrever apenas o símbolo do certo (c) ou o símbolo do errado (x) em alguma produção ou atividade dos/a alunos/a não é auxiliar e mediar o processo de aprendizagem do/a aluno/a.

Sendo assim ao corrigirmos trabalhos, tarefas e atividades, estamos apenas dando ênfase ao erro do aluno, porém “o erro ou o fracasso, não é condição para haver aprendizagem” (Becker, 1993, p. 97-98). Essa ideia do erro fica muito evidente no pensamento das crianças, pois os alunos aqui pesquisados, ao responderem a seguinte pergunta: Tu achas que aprende quando a profe avalia teu trabalho? De que forma? Por quê? A maioria deles respondeu que aprendiam, pois sabiam o que estava certo e o que estava errado:

Manu:

Sim eu aprendo porque se estiver certo eu sei que é assim e memorizo e se estiver errado a prof me diz se está errado e o que eu errei.

Extertoner: Sim, porque eu sei o que tem de errado e estudo aquilo.

Lucia: Sim, porque aquilo que ta errado eu aprendo e ao mesmo tempo fico sabendo.

Apenas duas alunas responderam que gostam do retorno que a professora dá no trabalho.

Lara: Eu gosto porque ela me dá um recado, eu adoro o jeito que ela escreve.

Luana: Eu gosto das coisas que ela fala na folha para mim, eu fico muito feliz.

Acredito que essa ação de acreditar que o erro mostra se o aluno/a aprendeu ou não, e que essa seja a única condição para aprová-lo de ano, assim não levando em conta todo o processo que ele desenvolveu e percorreu durante suas aprendizagens, aconteça devido ao significado que a escola atribuiu à avaliação. Pois, segundo Hoffmann (1993, p.96) “Tradicionalmente a escola enaltece os procedimentos competitivos e classificatórios com base no certo/errado[...] e coloca sempre, por ordem de preferência, o certo e depois o errado[...]”.

Aqui fica evidente que se a escola tem uma visão classificatória e faz divisões hierárquicas, como dará outro sentido a avaliação. Assim as práticas avaliativas são apenas o reflexo do que a escola como um todo exerce.

Lívia Suassuna, uma pesquisadora no campo da educação na área da linguística, em uma entrevista para a revista “Na ponta do lápis” (2014, p. 6), trata sobre algumas práticas de avaliação presentes nas escolas e como isso interfere na avaliação das produções textuais dos alunos. Dando uma ênfase a essas práticas avaliativas que a escola produz a autora diz que “[...]a escola ainda entende avaliação como identificar onde está o erro, comparar com um parâmetro idealizado, perdendo de vista a prática de avaliação a serviço da aprendizagem”.

Porém penso que para contribuirmos no processo de aprendizagem seja importante avaliarmos e não apenas corrigirmos os trabalhos dos alunos, pois a avaliação é uma prática contínua que valoriza as aprendizagens dos alunos e que exige mudanças no cotidiano dos professores. Segundo Suassuna (2014, p. 6) “A prática de avaliação deve ser discursiva. O diálogo precisa ocorrer o tempo todo: professor-aluno, alunos entre si, aluno com o conhecimento. O professor precisa olhar, analisar o que o aluno está dizendo[...].” Dessa forma, penso que a avaliação de trabalhos contribui para a aprendizagem dos alunos, e é nesta avaliação que o discurso entre aluno e professor deve ocorrer, desse modo estamos construindo uma avaliação onde a finalidade é a aprendizagem. Hoffmann (1993, p. 115) defende que:

[...] ao invés de analisar os trabalhos dos alunos para responder: acertou/não acertou, analisá-los para observar quem aprendeu/ quem AINDA não aprendeu. O fato de incluir-se o AINDA revela que existe a confiança na possibilidade de a criança está aprendendo sempre, evoluindo permanentemente em suas hipóteses sobre os objetos e os fenômenos.

Nesse sentido, estamos sempre em um constante processo de aprendizagem, e é nessa constância que ocorrem as múltiplas apropriações dos saberes tanto os escolares quanto os experimentados cotidianamente fora da escola.

8 O SABER E O APRENDER: QUE RELAÇÃO É ESSA?

Nesse capítulo procuro relacionar os dados empíricos obtidos pelas expressões das crianças fazendo uma análise sobre qual o significado que as crianças atribuem ao conceito de aprender. E por meio dessa análise procuro esclarecer qual a relação que o aprender tem com o saber, e como dialogam e se articulam.

Os/a alunos/a que foram pesquisadas nesse estudo, ao responderem a seguinte pergunta “O que é aprender para ti?” Demonstraram que o aprender está relacionado com o saber, e esse saber é um saber sobre alguma coisa que é nova. Trago aqui excertos das respostas das crianças:

Extertoner: Aprender é saber alguma coisa que você não sabe

Lucia: Saber alguma coisa que você não sabe

Eduardo: É quando eu consigo fazer alguma coisa nova

Lucas: É botar uma coisa nova na cabeça

Isabela: Saber algo novo

Enrico: Saber uma coisa nova

Bernard Charlot (2011, p. 17) ao responder a uma entrevista para os cadernos de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) argumenta que:

[...]a relação com o saber é a relação com os lugares, pessoas, atividades, etc., em que se aprende, e uma outra que é mais ampla – a relação com o saber é a própria estrutura do sujeito enquanto ele tem que aprender.

Fica evidente observar que pelas respostas apresentadas pelas crianças, o saber para elas é o movimento que fazemos quando vamos aprender. No entanto não se pode confundir o saber com a informação. Para Charlot (2009) a sociedade está em um mundo de informação “[...], mas o saber é outra coisa. Para construir um saber, é preciso juntar informações de modo pertinente para produzir um sentido que esclareça o mundo e a vida. ” O referido autor defende essa ideia explicando que o professor é responsável por essa divisão entre o saber e a informação, pois existem professores que apenas passam informações, e não ensinam saberes. Um professor que passa informações está competindo com as tecnologias, com

ainternet “[...] não pode enfrentar a concorrência com o Google, sempre melhor que um professor para oferecer textos, imagens, vídeos” (CHARLOT, 2009, p...). É necessário um professor que ensine saberes, que busquem informações e saibam como tratá-las, como transformá-las em questões reflexivas para os/a alunos/as, estabelecendo relações e construindo sentidos para o sujeito.

Ainda para Charlot (2009) existe uma outra característica do saber que merece destaque “[...] a grande dependência dos alunos para com o professor” Essa ideia do autor mostra que os alunos são extremamente dependentes da explicação do professor para aprender, que os alunos aprendem se a professora explicar bem, caso contrário, esse processo de aprendizagem não ocorre. Vindo ao encontro dessa ideia mencionada pelo referido autor, apresento a resposta das crianças aqui pesquisadas, quando lhes foi perguntado “Como tu aprende na escola e nas aulas? ”

Eduardo: Fazendo atividades e escutando o professor.

Felipe: Ouvindo o professor e anotando as atividades que o professor dá.

Lara: Eu aprendo com os trabalhos que as professoras fazem.

Luana: Prestando muita atenção na professora, mas sem conversa

Com esses excertos retirados do questionário que foi respondido pelas crianças, pode-se perceber a dependência que os alunos têm em aprender ouvindo o/a professor/a. Embora os alunos apresentem argumentos de que é possível aprender fazendo atividades, quase todos eles centraram a ação da atividade no/a professor/a, ou seja, o professor/a ainda é o centro da aprendizagem, na concepção dos alunos. Ainda para Charlot (2009), “[...] o ideal pedagógico do aluno é a professora cujas palavras entram diretamente na cabeça do aluno. Estamos longe do aluno reflexivo e criativo da sociedade do saber”.

Entretanto, outros alunos atribuíram um significado diferente ao conceito de aprender, ao responderem a mesma pergunta já referida acima “o que é aprender para ti:

Sasuke: É estudar, ler livros e aprender

Alysson: Aprender para mim é ler livros.

Joaquim: Aprender é tu se dedicar nos estudos

Laís: pra mim aprender é saber escrever, falar direito as coisas

Aqui cabe ressaltar novamente o papel que atribuímos à escola. Estes alunos relacionaram o aprender não somente com a escola, mas com tudo que tem e acontece nessa instituição. As práticas de leitura e a escrita estão extremamente relacionados com o saber/aprender, identificar nos livros uma forma de aprender mefaz refletir qual é a dimensão desse aluno para compreender que lendo livros podemos aprender? Possivelmente seu contexto social o levou a pensar sobre isso.

Relacionar o aprender com a leitura, a escrita, e com “os estudos” como mencionou Joaquim em sua resposta, serve para refletirmos que a instituição escolar tem o papel de ensinar conhecimentos, ainda lhe é atribuído uma função de “lugar de aprendizagem”, como já foi mencionado anteriormente com as reflexões de Xavier. Neste sentido, se pode aproximar as respostas dos/as alunos a ideia de que aprender demanda uma relação na qual os/as alunos/as são instigados a serem protagonistas de suas aprendizagens, fortalecendo o vínculo do aprender com o princípio da autonomia no ambiente escolar.

Pode-se observar também que as relações observadas entre o saber e o aprender nas narrativas das crianças permitiram afirmar que o saber está relacionado em descobertas de coisas novas, e que quando nós sabemos alguma coisa que é nova, nós aprendemos, porém na perspectiva desses alunos para aprendermos alguma coisa dentro do ambiente escolar é preciso recorrer a figura da professora. Ou seja, os alunos ainda dependem das ações do/a professor/a para aprender. Porém é importante pensar e refletir que o aluno também é responsável pelo seu processo de aprendizagem, ele precisa fazer ações para avançar nesse processo, e não somente “depende” e centralizar a sua aprendizagem no/a professor/a.

9 CONSIDERAÇÕES (NÃO TÃO) FINAIS

Ao concluir este trabalho retomo meus objetivos iniciais deste estudo, e faço uma reflexão acerca dos mesmos. Pensando na avaliação formativa e na avaliação mediadora, conceitos centrais dessa pesquisa, penso que ambas se complementam quando são vivenciadas no cotidiano da sala de aula. A avaliação formativa, com o intuito de estar sempre observando o processo de aprendizagem para formar o sujeito, se relaciona com a mediadora, pois esta preocupa-se em mediar esse processo, estabelecendo uma articulação entre professor/a, aluno/a e o objeto de conhecimento. Desse modo, enquanto eu estou mediando o processo do sujeito, estou mediando para formá-lo, para que dessa forma esse sujeito possa avançar em seus conhecimentos.

Também pude constatar que as diversas leituras, bem como as análises e reflexões sobre os dados empíricos, possibilitaram pensar que a mediação para a formação do sujeito é de grande relevância e pertinência para o seu processo de aprendizagem. Considero essa importância a partir da centralidade das respostas que a docente pesquisada nesse estudo expressou e atribuiu, pois afirmou em seus escritos a importância que avaliação tem para o aprendizado do aluno, afirmando que é preciso avaliar em diversos momentos e por diferentes formas, ou seja, utilizando uma variedade de instrumentos avaliativos. Afirma também que o retorno a partir do registro escrito nas produções dos alunos é de grande importância para que o aluno veja sentido naquilo que foi realizado por ele.

Ao analisar as repostas dos/as alunos/as, pude constatar que o sentido que nós professoras atribuímos a esse retorno é muito diferente do significado que estes estudantes atribuem. O significado que muitos os/as alunos/as atribuem ao retorno que eles recebem nas atividades, está muito mais identificado com o movimento classificatório de saber o que está certo e o que está errado. Para estes/estas alunos/as o importante na avaliação de suas produções é descobrirem se acertaram ou não, para que assim possam considerar como aprendizagem.

Aqui cabe lembrar que esta constatação está bastante ligada aos modos como muitos/as os/as professores/as ensinam e sinalizam a seus/suas alunos/as o que aprenderam. Essas ações são resultados dos modelos de avaliação que foram implementados nas escolas, o modelo classificatório que ainda destaca o acerto e do” os erros, ou enxerga o erro como uma ação negativa, e não como uma aprendizagem que ainda está em processo. Penso que as práticas avaliativas refletem o modo como a sociedade está organizada.

Considero este novo olhar sobre avaliação, a partir da posição do sujeito aluno deste estudo, como essenciais para as análises, reflexões e considerações desta pesquisa, pois apresentando a opinião dos/as alunos/as foi possível torná-las não somente protagonistas desse estudo, mas parte integrante do processo avaliativo. Suas posições sobre as práticas avaliativas possibilitaram interrogar à docência e as concepções de ensino e de aprendizagem que a perpassam, sinalizando que temos muito que aprender para termos uma escola mais democrática e justa em seus processos avaliativos que questionam o aprender e o ensinar.

Em relação ao saber e ao aprender, penso que os/as/ alunos/as apesar de estabelecerem essa forte relação entre os conceitos, ainda mantêm seus olhares muito fixados e centrados na figura da professora como quem é responsável por fazê-los aprender. Retomo aqui novamente o pensamento de Charlot, quando menciona que estamos muito longe daquele aluno autônomo e crítico. Porém é importante pensarmos em novas possibilidades em nosso modo de avaliar, em atribuir novos olhares as práticas avaliativas, e dessa forma, construir na sala de aula, juntamente com os/as aluno/as, diferentes modos de realizar e “enxergar” a avaliação.

Entretanto, não pretendo colocar aqui nem um ponto final, pois quando falamos em avaliação educacional, estamos falando em um conceito que segundo Hoffmann (1998, p.7) “[...] não se edifica sobre esse terreno firme, mas sobre um terreno arenoso, íngreme, a exigir garra e tenacidade em sua formação. ” Penso que esse terreno é a sociedade na qual vivemos, e esse terreno é arenoso e íngreme por se tratar de incorporar práticas que estão presentes na sociedade para dentro da escola. E a garra e a tenacidade são os desafios encontrados não somente nas práticas avaliativas, mas sim sobre os diversos temas educacionais.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Dale. Uma visão contemporânea da avaliação. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 10, n. 57, p.5-17, maio 2004.

BRANCO, Sandra. **A menina cabeça de vento**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CHARLOT, Bernard. Professores, Alunos, Escola, Saber - relações atravessadas pela contradição. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 9, p.15-35, maio/agosto 2011.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola como espaço sociocultural. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Secretaria Municipal de Educação, (1995) Cadernos da Escola Plural Belo Horizonte: Prefeitura de Belo Horizonte. Secretaria Municipal de Educação.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UhutqhCxBrM> Acesso em: 10 de setembro de 2015.

FERNANDES, Claudia de Oliveira Fernandes. FREITAS, Luis Carlos de. Indagações Sobre Currículo. Currículo e Avaliação Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. 2008, p. 17-43

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação Mediadora**: Uma prática em construção. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993. 200 p.

HOFFMANN, Jussara. Introdução. In: HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Pontos e Contrapontos: do pensar ao agir em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 7-10.

JOVEM, Saraiva. **Saraiva Jovem. Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado**. São Paulo: Saraiva, 2010. 1290 p.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: LÜDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986. Cap. 2. p. 11-24.

MENDES, Olenir Maria. Avaliação Formativa no Ensino Superior: Reflexões e alternativas possíveis. In: ALENCASTRO, lima Passos; PAULA, Maria Lomônaco de (Orgs.). **Currículo e Avaliação na Educação superior**. São Paulo: Junqueira e Marin, 2005. p. 175-197.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista Travessias**. Alagoas, v. 2, ed. 4, 2008.

PELLEGRIN, Denise; HOFFMANN, Jussara. Avaliar para ensinar melhor. **Nova Escola**, São Paulo, n. 159, p.26-33, jan. 2003.

Revista Pátio Disponível em: <https://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/5861/sentido-e-prazer-para-aprender.aspx> Acesso em: 13 de novembro de 2015.

RODRIGUES, Maria Bernadette Castro. Organização das ações educativas. IN: RODRIGUES, Maria Bernadette Castro; DALLA ZEN. Maria Isabel Habckost. (Organizadoras). **Tópicos Educacionais I**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013, p. 59-67

SILVA, Janssen Felipe da. Desafios Epistemológicos e Práticos. In: SILVA, Janssen Felipe da. **Avaliação na Perspectiva Formativa-Reguladora**: Pressupostos Teóricos e Práticos. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006. Cap. 5. p. 57-74.

SOCIEDADE dos poetas mortos. Direção de Peter Weir. Portugal: Touchstone Pictures, 1989. P&B.

SUASSUNA, Lívia. Avaliador ou corretor? Que tipo de professor você quer ser? **na Ponta do Lápis**, São Paulo, n. 24, p.4-11, maio 2014.

XAVIER, Maria Luisa M. Escola e mundo contemporâneo – novos tempos, novas exigências, novas possibilidades. IN: ÁVILA, Ivany Souza. (Org.) **Escola e Sala de Aula Mitos e Ritos: Um olhar pelo avesso de avesso**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004

APÊNDICE

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido endereçado à escola pesquisada

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Pedagogia - UFRGS

Temática: ***Avaliação Formativa e Mediadora no Currículo dos Anos Iniciais***

Aluna-Pesquisadora: Gabrielly Estrázulas dos Santos

Orientadora: Profa. Dra. Roseli Inês Hickmann

Meu nome é Gabrielly Estrázulas dos Santos e sou graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Venho por meio deste, solicitar permissão para que eu possa realizar trabalho prático de coleta de dados na instituição de ensino Colégio de Aplicação da UFRGS (CAP) para uma pesquisa educacional para fins de elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob orientação da Professora Roseli Inês Hickmann e com previsão de defesa pública para o dia 11/12/2015.

O tema de minha pesquisa aborda a avaliação formativa e mediadora no currículo dos anos iniciais e tem como objetivo investigar e compreender como os diferentes modos de avaliar podem influenciar o processo de aprendizagem dos alunos, a partir dos olhares de alunos/as e professores/as.

Nesse sentido, gostaria de convidar a turma Alfa 4B e 4 professoras da escola para participarem da presente pesquisa e, mediante o consentimento da escola, realizar uma entrevista em forma de questionário com os alunos dessa turma e professoras da escola. O questionário entregue aos alunos será impresso e entregue aos mesmos para que possam preencher durante algum momento em aula sob a minha presença. O questionário dirigido às professoras será enviado via email. Após o preenchimento do questionário poderá ser realizada uma breve entrevista, em forma de conversa, tanto com os alunos quanto com as professoras, a fim de explorar e esclarecer aspectos mais pontuais e direcionados ao foco da pesquisa. Gostaria ainda de esclarecer que as informações coletadas serão mantidas

sob sigilo ético, isto é, não serão mencionados os nomes dos participantes e tampouco da instituição, em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, garantindo a privacidade de todos os dados que forem confidenciais.

As entrevistas ocorrerão em local e data a serem combinados com os/as participantes.

Desde já agradeço pela atenção e colaboração, e coloco-me à disposição para quaisquer outros esclarecimentos que se fizerem necessário.

Em caso de necessidade, favor entrar em contato com a pesquisadora Gabrielly Estrázulas dos Santos, através do email gabrielly.estrazulas@hotmail.com ou do telefone (51) 85542757.

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido endereçado aos
alunos/as

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Pedagogia - UFRGS

Temática: ***Avaliação Formativa e Mediadora no Currículo dos Anos Iniciais***

Aluna-Pesquisadora: Gabrielly Estrázulas dos Santos

Orientadora: Profa. Dra. Roseli Inês Hickmann

Olá! Meu nome é Gabrielly Estrázulas dos Santos e estou estudando no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para ser professora de crianças como vocês.

Estou fazendo um trabalho para terminar a minha a faculdade, este trabalho chama-se “Trabalho de Conclusão de Curso” (TCC). Neste trabalho eu irei pesquisar como a avaliação que a professora faz nos trabalhos de vocês ajuda com que vocês a aprenderem. Isso é o que quero descobrir e estou bem curiosa. O que quero dizer com avaliação? É quando a professora olha e corrige os trabalhos de vocês. Então, para saber como vocês se sentem e o que modificou após a professora ter feito a avaliação dos trabalhos de vocês, vou precisar fazer uma pesquisa e estou te convidando para participar dela. O que vai acontecer? Nós iremos conversar sobre isso e eu vou querer fazer algumas perguntas para diminuir a minha curiosidade. Se quiseres também podes perguntar o que tiveres vontade para a gente ir descobrindo o que é avaliar, esta palavra diferente, mas que é muito importante para a gente aprender.

É importante você saber que o seu nome verdadeiro não aparecerá no meu trabalho, você pode escolher um outro nome que gostaria de ser chamado/a durante a pesquisa.

Se aceitares participar da minha pesquisa peço que completes as lacunas com as informações que estão sendo pedidas abaixo. Dede já agradeço pela colaboração.

Eu, _____,
aluno/a _____ da
escola _____
_____ e da turma _____, aceito participar da pesquisa do Trabalho
de Conclusão de Curso (TCC) da pesquisadora Gabrielly Estrázulas dos Santos, e
escolhi como meu outro nome para aparecer na pesquisa o que
segue _____

Se tiveres alguma dúvida, podemos conversar por meio de
email gabrielly.estrazulas@hotmail.com ou por telefone 85542757

Assinatura do/a participante da pesquisa.

Assinatura da responsável pela pesquisa.

Porto Alegre, _____ de 2015.

Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e esclarecido endereçado aos responsáveis dos/as alunos/as

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Pedagogia - UFRGS

Temática: ***Avaliação Formativa e Mediadora no Currículo dos Anos Iniciais***

Aluna-Pesquisadora: Gabrielly Estrázulas dos Santos

Orientadora: Profa. Dra. Roseli Inês Hickmann

Prezados/as Pais e Mães

Meu nome é Gabrielly Estrázulas dos Santos e sou graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Venho por meio deste solicitar permissão para que eu possa realizar trabalho prático de coleta de dados para uma pesquisa educacional para fins de elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob orientação da Professora Roseli Inês Hickmann.

O tema de minha pesquisa aborda a avaliação formativa e mediadora no currículo dos anos iniciais e tem como objetivo investigar e compreender como os diferentes modos de avaliar podem influenciar o processo de aprendizagem dos alunos a partir dos olhares de alunos/as e professores/as.

Nesse sentido, gostaria de convidar o seu filho(a) _____ a participar da presente pesquisa e, mediante o seu consentimento, realizar um questionário e uma possível entrevista em forma de conversa. Essa entrevista será realizada na escola de seu filho(a) em horário de aula sob a minha presença. A data em que será realizada esta pesquisa será combinada com os participantes. Gostaria ainda de esclarecer que as informações coletadas serão mantidas sob sigilo ético, isto é, não serão mencionados os nomes dos participantes e tampouco da instituição, em

nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, garantindo a privacidade de todos os dados que forem confidenciais.

Desde já agradeço pela atenção e colaboração, e coloco-me à disposição para quaisquer outros esclarecimentos que se fizerem necessários.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas;

Eu, _____,
portador do RG de número _____, autorizo meu
filho(a) _____ a
participar da pesquisa denominada “Avaliação Formativa e Mediadora no currículo dos Anos Iniciais”, desenvolvida pela pesquisadora Gabrielly Estrázulas dos Santos, graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Profa. Dra. Roseli Inês Hickmann, professora do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Assinatura do/a responsável.

Assinatura da responsável pela pesquisa.

Porto Alegre, _____ de 2015.

Em caso de necessidade, favor entrar em contato com a pesquisadora Gabrielly Estrázulas dos Santos, através do email gabrielly.estrazulas@hotmail.com ou do telefone (51) 85542757.

Apêndice D – Termo de Consentimento Livre e esclarecido endereçado as professoras

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Pedagogia - UFRGS

Temática: ***Avaliação Formativa e Mediadora no Currículo dos Anos Iniciais***

Aluna-Pesquisadora: Gabrielly Estrázulas dos Santos

Orientadora: Profa. Dra. Roseli Inês Hickmann

Meu nome é Gabrielly Estrázulas dos Santos e sou graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Venho por meio deste solicitar permissão para que eu possa realizar trabalho prático de coleta de dados para uma pesquisa educacional para fins de elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob orientação da Professora Roseli Inês Hickmann.

O tema de minha pesquisa aborda a avaliação formativa e mediadora no currículo dos anos iniciais e tem como objetivo investigar e compreender como os diferentes modos de avaliar podem influenciar o processo de aprendizagem dos alunos a partir dos olhares de alunos/as e professores/as.

Nesse sentido, gostaria de convidá-la/o a participar da presente pesquisa e, mediante o seu consentimento, realizar um questionário que será enviado via email, podendo ser acompanhado de uma breve entrevista em forma de conversa para possíveis esclarecimentos que se fizerem necessários. Gostaria ainda de esclarecer que as informações coletadas serão mantidas sob sigilo ético, isto é, não sendo mencionados os nomes dos participantes e tampouco da instituição, em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, garantindo a privacidade de todos os dados que forem confidenciais.

Desde já agradeço pela atenção e colaboração, e coloco-me à disposição para quaisquer outros esclarecimentos que se fizerem necessários

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas;

Eu, _____,
portador do RG de número _____, aceito participar da pesquisa denominada “Avaliação Formativa e Mediadora no currículo dos Anos Iniciais”, desenvolvida pela pesquisadora Gabrielly Estrázulas dos Santos, graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Profa. Dra. Roseli Inês Hickmann, professora do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Assinatura do/a participante da pesquisa.

Assinatura da responsável pela pesquisa.

Porto Alegre, _____ de 2015.

Em caso de necessidade, favor entrar em contato com a pesquisadora Gabrielly Estrázulas dos Santos, através do email gabrielly.estrazulas@hotmail.com ou do telefone (51) 85542757.

Apêndice E - Questionário endereçado aos alunos/as

Nome: _____ Data: _____

Responda o questionário abaixo com muita atenção:

1). O que é aprender para ti?

2). Como tu aprende na escola e nas aulas?

3). Quando tu fazes alguma atividade na aula, tu achas que aprende? De que jeito? Fala um pouco sobre isso.

4). Tu gosta quando a profe avalia teu trabalho? Se tu gosta diga do que tu gosta.

**5). Tu achas que aprende quando a profe avalia teu trabalho? De que forma?
Porque**

Apêndice F – Questionário endereçado às professoras

- 1). Para você a avaliação influencia na aprendizagem das crianças? Justifique sua resposta.

- 2). Quais os critérios que você utiliza para avaliar seus alunos?

- 3). Quais os instrumentos que você utiliza para avaliar seus alunos?

- 4). Como você avalia o trabalho dos seus alunos?

- 5). Após avaliar os trabalhos e/ou atividades dos alunos, como você dá um retorno para eles?

- 6). Para você um retorno na avaliação dos trabalhos dos alunos é importante? Justifique sua resposta.